



O intelectual entre a Imprensa e a TV:

Fausto Wolff e a formação da crítica televisiva (1962-1968)

Milena Azevedo de Menezes¹

Universidade Federal do Ceará - UFC

E-mail: miley_tell2u@hotmail.com

ORIENTADORA: Ana Rita Fonteles Duarte²

Universidade Federal do Ceará - UFC

E-mail: anaritafonteles@uol.com.br

Este trabalho tem como objetivo tratar sobre a formação da crítica televisiva como construção de projetos políticos pela intelectualidade jornalística, situada em Fausto Wolff, crítico de teatro e de televisão, que segue em disputa dentro dos embates e transformações nas produções culturais mediadas entre Teatro e Televisão. O recorte temporal é 1962 a 1968, situados a partir da sua produção nos cadernos culturais do Jornal do Brasil e Tribuna da Imprensa, mas estabelecendo a utilização do conceito de Cultura Política para tratar da modernização dos jornais cariocas da década de 50 e a formação do colunista de opinião como crítico de produtores culturais, como o teatro e, posteriormente, a televisão. A década de 50 no Brasil é situada na historiografia nacional como o momento de modernização da imprensa carioca. Os editoriais se posicionam como empresas, de caráter corporativo,

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Bolsista PIBIC/CNPq, membro do Grupo de Estudos História e Imagem e Grupo de Estudos História e Gênero.

² Professora Adjunta IV do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC). Ministra disciplinas nas áreas de Teoria da História e Prática de Ensino na graduação. Integra as linhas Cultura e Poder e Memória e Temporalidades no Programa de Pós-Graduação em História da UFC. É doutora em História Cultural pela UFSC e mestra em História Social pela UFC, possui graduação em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará. Tem experiência nas áreas de História e gênero, história das mulheres, gênero e ditadura no Brasil. Coordena o Grupo de Pesquisas e Estudos em História e Gênero (GEPEHG), na UFC.



não mais como instituições em que a figura única do patrono irá estabelecer centralidade nas relações de produção. A implementação do Lead, da edição por meio do copy-desk e a profissionalização da carreira jornalística são alguns elementos que irão construir o habitus da prática como formação do jornalista intelectual da modernidade. Tribuna da Imprensa foi um dos editoriais que passou pelas devidas reformas empresariais, gerido de 49 até 1961 por Carlos Lacerda, e depois, devido à instabilidades econômicas, repassado para Manuel Francisco do Nascimento Britto, genro de Condessa Pereira dos Santos, dona do Jornal do Brasil no momento, até que o jornal foi entregue às mãos do jornalista Hélio Fernandes, que se encarregou da direção em 1962 até 2007. Jornal do Brasil, a partir de 1956, implementa suas reformas com a edição de Odylo Costa Filho e continua por transformações com a edição de Alberto Dines a partir de 1962. Os cadernos culturais dos editoriais são partes dessas reformas que implementam o espaço de crítica das produções culturais brasileira, como o teatro, o cinema e a música. A partir de 1956 é criado o Caderno B como suplemento dominical no Jornal do Brasil, o pioneiro dos cadernos culturais, e assim segue o Tribuna Bis, do Tribuna da Imprensa, dentre outros. A opinião é afastada da notícia, como atesta as produções sobre o período, que coloca os editoriais em busca de imparcialidade e objetividade da escrita jornalística, porém, é possível entender o espaço dos cadernos culturais como posição social e cultural do jornalista enquanto intelectual e, portanto, mediador das mais diversas formas de projetos políticos para a produção cultural na sociedade brasileira. Também situar a formação do teatro moderno, como o TBC (Teatro Brasileiro de Comédia) e o Teatro de Arena, assim como a construção da Associação Brasileira de Críticos Teatrais e o Círculo Independente de Críticos de Teatro, este ao qual Fausto Wolff fez parte. Dessa forma, procuro construir a partir da crítica televisiva e do crítico de televisão, os embates do intelectual, este produzindo para o jornal, que se encontra com novas relações de produção cultural pós-64 e novas formas que a Indústria Cultural constrói o que se entende por Cultura. Diante da necessidade da Ditadura civil-militar em mobilizar os meios de comunicação de massa enquanto



legitimação, a televisão situa-se como um dos mais importantes veículos de massa em que transparece as disputas políticas que permeiam os discursos desenvolvimentistas referentes à iniciativa privada nos meios de comunicação, conciliadas ao conservadorismo autoritário e interventor do Estado. A formação de um forte mercado de bens culturais na década de 60 constrói relações discursivas de poder no que seriam representações sobre a atuação da televisão para a sociedade brasileira, sobretudo, na produção da crítica televisiva que foca nas relações ambíguas entre Indústria Cultural e Estado, de acordo com Wolff. Assim, é preciso analisar o que é e como essa crítica televisiva se constrói nessas novas sensibilidades que a televisão produz, a relação de conflito entre conciliar o conservadorismo e o desenvolvimentismo na formação de uma Indústria Cultural para a televisão na Ditadura civil-militar, segundo os escritos de Fausto Wolff.

PALAVRAS-CHAVE: ditadura civil-militar; televisão; teatro; crítica televisiva

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. "A modernização autoritária-conservadora nas universidades e a influência da cultura política. IN: REIS, Daniel A.; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto de Sá (ORGs). A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964. RJ: Zahar, 2014.
- BARBOSA, Marialva. História Cultural da Imprensa – Brasil (1900-2000). RJ: Mauad X, 2007.
- ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira. SP: Brasiliense, 2006.
- BERGAMO, Alexandre. "A Reconfiguração do Público". IN: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (ORGs). História da Televisão no Brasil. SP: Contexto, 2010.
- BERSTEIN, Serge. "Culturas políticas e historiografia". IN: AZEVEDO, C.; ROLLEMBERG, D.; BICALHO, Maria F. B.; KNAUSS, P.; QUADRAT, Samantha V. (ORGs). Cultura política, memória e historiografia. RJ: FGV, 2009.

**III Seminário Nacional de História e
Contemporaneidades
Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos**

Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato-CE de 6 a 9 de Março de 2018

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. Videologias: ensaios sobre televisão.
SP: Boitempo, 2004.